

**HATERS E O DISCURSO DE ÓDIO:
ENTENDENDO A VIOLÊNCIA EM SITES DE REDES SOCIAIS**

**HATERS AND THE HATE SPEECH:
UNDERSTANDING THE VIOLENCE IN SOCIAL NETWORK SITES**

Rebeca Recuero Rebs¹
Aracy Ernst²

Resumo: *O presente trabalho tenta compreender a possível relação entre o discurso de ódio e a construção do perfil dos haters e de sua fala nos sites de redes sociais. Com base na compreensão teórica do que é a violência e em como o ódio é apresentado no mundo virtual, busca-se identificar os pressupostos ideológicos que os determinam. Para isso, foi realizada uma análise do discurso de violência (focando o excesso, o estranhamento e a falta), presente em um texto do blog “Tio Astolfo” e em comentários feitos em uma postagem no Facebook referentes à jornalista Maju. Posteriormente, tenta encontrar elementos nessa construção discursiva que apontem para possíveis formas de violência por meio das discursividades observadas, bem como elementos interdiscursivos que se encontram associados ao processo significante de interpelação-identificação dos haters no universo virtual. Verifica que o ambiente dos sites de redes sociais oferece ferramentas capazes de potencializar o discurso da violência dos haters, proporcionando a disseminação do ódio e a difusão das filiações ideológicas constitutivas desse discurso. Do mesmo modo, a construção do perfil desses sujeitos situa-se nesse quadro que estabiliza e mantém os efeitos produzidos através de uma materialidade que origina sentidos sectários e preconceituosos.*

Palavras-chave: *Hater; Sites de Redes Sociais; Discurso de Ódio.*

Abstract: *This paper attempts to understand the possible relationship between the hate speech and the construction of the profile of the haters and their speech on social networking sites. Based on the theoretical comprehension of what violence is, and how the hate is shown on the virtual world, we aim to identify its determining ideological assumptions. To do so, we performed an analysis on the hate speech presented in a text of the blog “Tio Astolfo”, and on comments of a Facebook post referring to the Brazilian journalist Maju. Afterwards we attempt to find elements in these speeches that show possible forms of violence presented in them, as well as interdiscursive elements associated to the signifying process of interpellation-identification of haters in the virtual universe. We realized that the environment of the social media websites offers tools capable to increase the hate speech of the haters, spreading the hate and the ideological filiation of such speech. Likewise, the profile construction of these subjects is based on this scenery that stabilizes and maintains the effects produced through a materiality that creates sectarian and prejudicial meanings.*

Keywords: *Hater; Social Network Sites; Hate Speech.*

1 Introdução

A investigação proposta parte do cenário atual do desenvolvimento intenso da conversação e das relações sociais no Ciberespaço³. Neste ambiente, diversos lugares

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista do Programa Nacional de Pós Doutorado da CAPES pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Pelotas, Brasil, e-mail: rebeca.recuero.rebs@gmail.com

² Doutora em linguística e letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Paris III, Sorbonne-Nouvelle. É professora titular da Universidade Católica de Pelotas (Programa de Pós-Graduação em Letras). Pelotas, Brasil, e-mail: aracyep@terra.com.br

oferecem suporte para a formação de redes sociais *online* (como os sites de redes⁴ sociais *Facebook* e *Twitter*⁵) que, além de contemplarem um número diversificado de audiências⁶, diferente do universo concreto⁷, permitem uma superexposição do sujeito através da visualização e rápida difusão da informação por meio da replicabilidade destas. Com isso, é possível observar que certos discursos começam a ter mais evidência através dos sites de redes sociais (SRS), pela possibilidade de produção de dizeres plurais derivados de diferentes formações discursivas. Tal possibilidade faz circular e disseminar saberes entre os usuários, dada a potencialidade proporcionada pelo espaço que permite grande visibilidade. Outro aspecto a ser salientado diz respeito à comunicação mediada pela internet que favorece a ocultação da identidade concreta dos sujeitos (através dos perfis *fakes*), desenvolvendo um sentimento de uma “proteção física”, onde o sujeito tem autonomia com mais liberdade de expressão, diferente do que era observado em outros meios de comunicação (como a televisão e o rádio, por exemplo). Assim, uma simples postagem de caráter polêmico⁸ é capaz de mobilizar um número infindável de pessoas que passam a discutir e a expor seus diferentes pontos de vista em discursos que, por vezes, emanam o ódio relacionado à discordância de pensamentos/ideologias⁹. Entre estes sujeitos que priorizam a violência através do discurso nas redes sociais online, estão os *haters*¹⁰.

Conhecidos como “odiadores” ou “*trolls*”¹¹, os *haters* se caracterizam por serem sujeitos que buscam a violência sem justificativa clara frente à sociedade em suas interações

³ Termo cunhado por William Gibson em seu livro *Neuromancer* (1984). É considerado o espaço virtual onde ocorrem interações *online*. É ausente de materialidade e visível graças à conexão da internet.

⁴ Sites de Redes Sociais são considerados como sendo os ambientes virtuais que permitem com que sejam visualizadas as redes sociais (BOYD; ELLISON, 2007). Por redes sociais, entendemos como sendo redes de pessoas, formadas por indivíduos e suas conexões (seus relacionamentos) (RECUERO, 2009).

⁵ www.facebook.com e www.twitter.com

⁶ As audiências em SRS são relacionadas ao público que acompanha as publicações nestes ambientes. Danah boyd (2010) cunhou o termo “audiências invisíveis”, buscando referir-se às pessoas que nem sempre estão visíveis por meio da participação nas postagens nos sites de redes sociais. Significa que elas podem estar lendo, acompanhando as publicações, ainda que não deixem rastros visíveis de sua leitura.

⁷ Considera-se o “mundo concreto” aquele que não está conectado ao virtual, ou seja, o mundo material.

⁸ Por discussões polêmicas, compreende-se debates que giram em torno de temas com uma diversidade de opiniões, como a política, a religião ou o futebol, por exemplo.

⁹ Em exemplo disso, temos as discussões políticas desenvolvidas no *Facebook* que contemplam diferentes opiniões. Disponível em: <<https://goo.gl/Dv7R9J>>. Acesso em: 30 abr. 2015. Muitos destes discursos são chamados de *trollagem* e implicam justamente a ação de desestabilizar as discussões por meio de provocações aos demais usuários participantes do grupo.

¹⁰ A origem da palavra parte da expressão inglesa “*haters gonna hate*” (“odiadores irão odiar”) que teve seu começo nos guetos norte-americanos. A frase, no entanto, só se popularizou quando foi usada no refrão de uma música de hip-hop da banda 3LW (acrônimo de “3 Little Women”: “*The playas gon' play / Them haters gonna hate / Them callers gonna call / Them ballers gonna ball...*”

¹¹ Zago (2012) afirma que os *trolls* poderiam ser pensados como possíveis *haters* em alguns casos, pois são indivíduos que perturbam o bom andamento de um grupo através do envio de mensagens negativas, maldosas ou fora de contexto de uma discussão. Do mesmo modo que os “odiadores”, os *trolls* utilizam perfis *fakes* com o

online, ou seja, priorizam o conflito e a disseminação do ódio nos SRS. Temos diversos exemplos de ataque de ódio destes sujeitos, como as ofensas racistas à jornalista do Jornal Nacional (JN) da rede Globo, Maria Júlia Coutinho (conhecida como “Maju”), feitas através do SRS *Facebook*¹². Entretanto, por vezes a construção do discurso de ódio inicia em sites pessoais e parte para as redes sociais *online*, onde parece ganhar visibilidade e mobilizar audiências, como é o caso do blog chamado “Tio Astolfo” (<http://tioastolfo.com>)¹³. Com conteúdo opinativo, o blog incentivava atos violentos como o estupro, a pedofilia, a execução de homossexuais ou mesmo o assassinato de mulheres por serem consideradas (pelo autor) “seres inferiores”.

A partir desse cenário, acredita-se que a produção e o modo como o discurso de ódio é construído por estes sujeitos não se dá ao acaso. É por meio dele que ideologias são passadas, capazes de caracterizar quem são estes indivíduos e como eles são identificados ou mesmo construídos através dos SRS. Ainda que moralmente não aceitos na sociedade, estes sujeitos parecem encontrar um espaço para consolidar, autoafirmar e viralizar os seus discursos violentos e mesmo as suas identidades, construindo um perfil social (ou antissocial) capaz de disseminar (ou dar visibilidade) às suas ideologias. Assim, esse artigo tenta responder a seguinte questão: como se dá a possível relação entre o discurso de ódio e a construção do perfil dos *haters* e de sua fala

2 Compreendendo a violência e o ódio

A violência é tratada por Zizek como sendo algo que “provoca uma agitação social massiva” (ZIZEK, 2014, p. 10). Segundo o autor, ela pode ser classificada em tipos, como a subjetiva e a objetiva. A primeira delas (subjetiva) se caracteriza pela ação violenta sem uma causa aparente. Ou seja, um ato violento que “quebre a paz” (sem um motivo específico) é uma violência subjetiva, como um ato terrorista, por exemplo. Ela parte de uma decisão, de uma vontade violenta do sujeito que “irrompe do nada” e é inerente ao sistema. Já a violência objetiva é aquela que é constante, oriunda das estruturas sociais e relações hierarquizadas da

intuito de não serem identificados concretamente devido a “quebra” das normas sociais e possíveis julgamentos que podem sofrer fora da Rede. *Trolls* buscam anarquizar as redes e se caracterizam por postar mensagens agressivas que podem variar “entre a ironia e o humor até ameaças à integridade dos participantes e insultos, especulações a respeito da vida pessoal, palavrões etc.” (AMARAL; QUADROS, 2006). Entretanto, nem sempre o *troll* necessita ser alguém que busca disseminar o ódio na rede. É aí que eles se distanciam dos *haters*, pois este último sempre buscará uma manifestação violenta por meio do discurso que afete um determinado sujeito e/ou grupo.

¹² Disponível em: <<https://goo.gl/3U1qjq>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

¹³ Disponível em: <<https://goo.gl/JvHFNi>>. Acesso em: 26 e 27 de julho (a partir do dia 28 o site foi retirado da Rede após denúncias).

sociedade. Significa que ela provém de atos de exclusão, de desigualdade social, opressão e repressão desenvolvidas por indivíduos maléficos, por agentes sociais, multidões fanáticas ou aparelhos repressivos disciplinados (ZIZEK, 2014, p. 22-26).

Ainda temos a violência simbólica, que é percebida através da linguagem, da gramática e/ou do discurso (ZIZEK, 2014). Ela não é claramente visível e não é física, desenvolvendo diferentes formas de representação.

Bourdieu (1989) afirma que a violência simbólica é fruto de instrumentos a serviço de classes dominantes, o que permite perceber que a violência simbólica é tratada também como uma violência objetiva. Por meio dela, são impostos e legitimados certos discursos sociais que moldam e/ou oprimem comportamentos. É justamente esta violência simbólica que o discurso de ódio tem como finalidade.

Zizek, em uma entrevista concedida a Daly, associa as manifestações de ódio a não tolerância do diferente, ou seja, quando o discurso do outro não vai de encontro aos valores preconizados pelos demais.

Em certo nível, esse discurso prega a tolerância universal, mas se você examinar mais de perto, verá que há um conjunto de condições ocultas, que revela que o indivíduo só é tolerado na medida em que se assemelha a todos os outros – o discurso determina o que deve ser tolerado. (ZIZEK; DALY, 2006, p.149)

Ou seja, quando um sujeito não partilha do mesmo discurso de outro, quando seu pensamento não vai ao encontro destes grupos, o ódio pode surgir, pois é diferente, não compartilha dos mesmos valores sociais; logo, não é tolerado.

Glucksmann (2007) explica que existirão momentos favoráveis para manifestações deste ódio, culminando na violência percebida em certas ocasiões cotidianas ou situações específicas. Assim, o ódio não esperaria fatos concretos para, necessariamente, aparecer. Precisa apenas de interpretações para a sua manifestação.

A paixão por agredir a aniquilar não se deixa iludir pelas magias da palavra. As razões atribuídas ao ódio nada mais são do que circunstâncias favoráveis, simples ocasiões, raramente ausentes, de liberar a vontade de destruir simplesmente por destruir. (GLUCKSMANN, 2007, p.11)

Segundo Liiceanu (2014, p. 18), existem dois tipos de ódio: o de “reação” e o de “partida”. O primeiro deles se caracteriza por ter justificações psíquicas e morais. Ou seja, alguém fez algo ruim para outra pessoa, por isso esta pessoa passa a odiar este alguém, como forma de réplica ao que ele lhe fez. O segundo tipo de ódio (o de partida) não tem uma clara

justificativa moral. Ele é consolidado, normalmente pelas qualidades que alguém não tem ou pelo que ambos possuem. Ou seja, é um ódio psicológico que muitas vezes é associado a sentimentos como a inveja ou sem causa aparente.

Tanto o ódio de partida, quanto o de reação podem ser responsáveis pela manifestação da violência simbólica. Entretanto, nem sempre o discurso proveniente desta violência tem a intenção de ser “camuflado” pelas palavras ou estar associado a um possível “ódio de reação” como justificativa, por exemplo. É justamente o que Glucksmann fala ao buscar compreender o motivo do ódio não se fechar nele mesmo dentro dos limites de um furor perverso. O autor ainda pergunta: “por que [o ódio] se mostra instantaneamente contagioso e capaz de incendiar tudo que se encontra ao seu redor?” (GLUCKSMANN, 2007, p. 84). Significa que esse ódio necessita, de certo modo, ser percebido. Logo, o intuito é claramente “agredir” (ainda que psicologicamente) aquele que lê o discurso, não buscando uma explicação moral necessariamente que vise formular uma justificativa para tal ação. É o caso do discurso proferido pelos *haters* a indivíduos ou grupos específicos em sites de redes sociais.

3 Sites de redes sociais e os haters

Os sites de redes sociais trouxeram uma série de transformações na sociedade, incluindo a forma de manifestação da violência. Este fato ocorre devido às propriedades do sistema que permitem a construção de informações com uma série de características, como a permanência, a possibilidade da informação ser escalável, a replicabilidade e a capacidade de ser buscável (BOYD, 2010). A permanência se caracteriza justamente pela persistência das informações. No momento que sujeitos publicam algo, este algo fica na rede e é possível visualizar a informação de qualquer lugar, pois ela está *online*. A possibilidade de a informação ser escalável implica a visibilidade que se dá através da difusão da informação que é escalada nas redes. A replicabilidade é entendida como a facilidade das informações serem copiadas e repassadas de forma idêntica à original. Ou seja, as informações são facilmente disseminadas sem perder o seu “teor” original. Por fim, a buscabilidade é a capacidade das informações serem encontradas nestes espaços. Facilmente usuários acham os conteúdos publicados na internet (seja por meio de palavras-chave ou mesmo pela grande divulgação de determinados assuntos).

Além destes elementos, os SRS admitem que sujeitos criem perfis falsos (*fakes*), permitindo a atuação anônima dissociada de sua identidade física. Significa que as consequências oriundas de atos contra certas leis da sociedade, no universo virtual, acabam

por serem difíceis de serem julgadas, justamente por esta “perda” de quem é “realmente” o sujeito que está por trás da identidade virtual.

Surgidos/reconhecidos neste cenário de interações em novos ambientes virtuais, os *haters* são sujeitos que difundem discursos de ódio contra os valores morais preconizados pela sociedade. Os ataques podem aparecer como “respostas” (ainda que fora do contexto) a postagens de determinados indivíduos ou mesmo serem discursos iniciados com a intenção de insultar e/ou perturbar determinados grupos sociais. Desse modo, nem sempre o objetivo é buscar uma interação social, mas sim difundir seus ideais de ódio por meio da violência simbólica proferida em suas postagens.

Recuero e Soares (2013) desenvolveram um estudo que foca a violência objetiva simbólica que é desenvolvida pelo discurso dos usuários nos SRS. Mensagens com conteúdo racista, misógino, homofóbico, etc., encontram por meio do humor, por exemplo, a possibilidade de rápida disseminação pela internet, levando consigo o teor violento e legitimado pelos pressupostos ideológicos dominantes que são retroalimentados quando os usuários compartilham ou apoiam acriticamente o que é dito, validando agressões que nem sempre são evidentes.

Contudo, a violência por meio do discurso (violência simbólica) nem sempre tem a intenção de ser ocultada pela gramática, mas sim ser perturbadora, uma ação violenta sem uma causa aparente, ainda que virtual. Este tipo de violência é a que irá caracterizar a que é produzida pelos sujeitos chamados de *haters* no Ciberespaço. Significa que temos aí uma violência que emerge nas interações *online* e ocorre pelas palavras, pelo discurso (talvez sendo simbólica por isso, pela ausência do físico), mas que “é diretamente visível, exercida por um agente claramente identificável” (ZIZEK, 2014, p. 9), ou seja, poderíamos pensar em uma possível violência subjetiva simbólica.

A violência por meio do discurso destes sujeitos visa justamente disseminar a sua ideologia que é focada na potencialização do ódio. Eles são popularmente conhecidos por terem um discurso maldoso, pejorativo, buscando, de certo modo, alcançar a atenção das audiências dos sites de redes sociais. Essa atenção é percebida por meio de seus violentos discursos (como forma de resposta/postagens), que passam a promover a revolta dos demais atores sociais pela falta de argumentação lógica dos *haters*, consideradas fora das normas sociais. Portanto, a intenção do discurso que é produzido por eles, além de disseminar o ódio, é o de provocar ódio.

Esta busca pela disseminação do ódio pode estar associada a certo gozo usufruído pelo *hater* pelo excesso de prazer que é possível de lhe causar (ZIZEK; DALY, 2006, p. 141), pois

este ódio é e está em excesso (ou seja, ultrapassa os limites da normalidade social¹⁴), visando unicamente o prazer do “odiador” pela destruição psicológica causada ao outro. Assim, podemos compreender que o *hater* prioriza sempre o conflito social¹⁵ de forma “gratuita” (o outro/vítima, tecnicamente, não fez mal nenhum ao odiador).

4 Metodologia

Neste trabalho, interessa-nos evidenciar na análise o modo como as materialidades da formação identitária destes sujeitos “registram as imbricações do social na linguagem relacionada à noção de discurso; os esforços convergem para a análise do discurso que está objetivado” (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 825). Assim, a metodologia baseia-se na análise do discurso da linha de Michel Pêcheux.

Para o *corpus* foram selecionados dois “ataques” de *haters*. O primeiro refere-se a comentários a uma postagem do Jornal Nacional (JN) em sua página do *Facebook* intitulada “Tempo fica firme em grande parte da região central do Brasil nesta sexta”, com uma foto da jornalista responsável pelas notícias do tempo, Maria Júlia Coutinho (Maju). A postagem foi no dia dois de julho de 2015. Pouco tempo após a postagem, inúmeros sujeitos iniciaram uma série de comentários agressivos contra Maju.

¹⁴ O *hater* pensa “odeio esta pessoa, por isso quero que ela morra”, ao invés de “odeio esta pessoa, por isso não quero que ela consiga o que quer”.

¹⁵ Por conflito, partimos da ideia de que ele desestabiliza grupos estruturalmente (ou até mesmo emocionalmente), pois consiste na ruptura de normas ou regras sociais. Ele surge de certa resistência ou oposição a determinadas ideias e pode estar diretamente associado ao processo de competição (RECUERO, 2009) ou, ainda, à falta de cooperação entre as pessoas que participam do processo.



Figura 1: Post feito pelo JN no Facebook.

Fonte: Imagens coletadas da autora.



Figura 2: Comentários de *haters*.
Fonte: R7¹⁶.

O segundo texto selecionado foi uma postagem do blog denominado “Tio Astolfo”, colocada na rede no dia 17 de julho de 2015. O post tem o título: “Estuprar uma mulher

¹⁶ Disponível em: < <https://goo.gl/yty5W>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

feminista é um ato de culto a Deus”. O texto teve muita repercussão na internet. Foi compartilhado em diferentes SRS e, na maioria das vezes, recebeu críticas pelo seu conteúdo. Em outros casos, o compartilhamento se deu como forma de “piada”, onde sujeitos debochavam do conteúdo e, alguns, inclusive, concordavam em tom de ironia. O blog foi retirado do ar no dia 28 de julho pelo Ministério Público Estadual (MPE) e está sendo investigado pela Polícia Federal devido denúncias sobre a apologia a atos considerados criminosos. O seu ator é “desconhecido” (ainda que surjam diversas “acusações” nas redes sociais *online*) e o seu conteúdo é debatido, criticado, compartilhado e viralizado nos SRS.

Estuprar uma mulher feminista é um ato de culto a DEUS

🕒 julho 17, 2015 📁 Geral

Quando um homem branco, heterossexual e de bem estupra e violenta uma militante feminista, frequentadora da “Marcha das Vadias”, militante pró-aborto, ele está fazendo um favor não só a ela, está fazendo um favor a civilização ocidental.

Esta mesma feminista que hoje faz passeata contra o estupro de mulheres é a mesma feminista que estará se deitando com um marginal pilantra, com um vagabundo, este vagabundo que irá arregaçar sua xoxota todos os dias, irá engravidá-la e depois abandona-la, gerando outra **MÃE SOLTEIRA**.

E sabe quem irá sustenta-la? Você, homem branco, homem trabalhador, você que irá sustentar este pedaço de lixo e este pequeno marginal que ela carrega dentro com os inúmeros benefícios sociais que você paga.

O que mães solteiras fazem é perpetuar um ciclo de **DISGENIA**. Uma mãe solteira irá gerar outro pilantra ou outra mãe solteira, que irá se relacionar com um marginal, gerando um ciclo interminável de parasitas.

A atitude mais humana é parar a mãe solteira antes que ela surja, a humilhando. Como o SENHOR disse: **Portanto, todo aquele que a si mesmo se exaltar será humilhado, e todo aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado. (Mateus 23:12)**

Neste caso, não há crime nenhum porque não há o DOLO. O dolo no caso não é a conduta egoísta da busca pelo prazer, conduta esta encontrada em muitas periferias. O intuito do estupro corretivo é gerar um respingo humildade na mulher ocidental, que acha que só por ter uma buceta e ser protegida por leis criadas por bichas e esquerdistas, acha que é dona do mundo.

Figura 3: Imagem do post do blog Tio Astolfo.

Fonte: Texto retirado do blog Tio Astolfo¹⁷.

Em ambos os casos, existe a presença de *haters*. No primeiro, temos um grupo que tece ataques racistas à Maju. No segundo, ainda que não tão claro, o autor do blog incita a violência sem uma justificativa passível de compreensão lógica contra mulheres feministas. Nos dois casos os ataques têm foco na depreciação do outro e no ódio que é disseminado por

¹⁷ Disponível em: < <https://goo.gl/8v3b5i> >. Acesso em: 27 jul. 2015.

meio do discurso, visando o gozo que é realizado por meio das palavras. Ainda que o discurso seja camuflado por possíveis justificativas ideológicas (como no discurso construído no texto do blog do Tio Astolfo ou mesmo por “piadas”, como o caso de Maju), há a mensagem de depreciação/humilhação do outro.

Definindo estas falas como características da violência simbólica presente nos SRS, parte-se que a constituição, formulação e circulação destas alocações podem ser compreendidas como momentos do “processo de produção do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 9) de divulgação de “conhecimento”, ainda que um “conhecimento” fora das normas sociais, pois disseminam, de diferentes maneiras, a violência através de um discurso de ódio. É o que iremos analisar a seguir.

5 Análise do discurso de ódio

Ernest-Pereira e Mutti (2011), numa tentativa de subsidiar pedagogicamente o trabalho do analista do discurso, sistematizam os procedimentos analíticos da Análise do Discurso (AD) definindo, então, as noções de *falta*, *excesso* e *estranhamento* (tendo em vista a constituição e a interpretação do *corpus* discursivo) como conceitos-chave para a execução da operação. Assim, é justamente nesta perspectiva que se efetiva a análise.

A falta pode ser entendida quando encontramos termos que deveriam necessariamente aparecer no discurso, mas que não aparecem, pois são silenciados. Dentro do *intradiscurso* (materialidade discursiva), ela pode ser considerada como uma forma de estratégia discursiva onde se omitem palavras ou expressões, por exemplo, que poderiam acabar por trazer outro sentido à fala (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 829). Desse modo, é possível observarmos na ausência de elementos na estrutura gramatical. Por meio dessa escolha, determinados sentidos não são facilmente percebidos pelo sujeito que lê, visto que as palavras que fariam esse trabalho, são ocultadas, silenciadas, “esquecidas”.

No blog do Tio Astolfo, o fato de o estupro ser um crime inafiançável é omitido em praticamente todo o texto. O “fazer pensar” que o estupro é algo ruim, errado e que faz mal à mulher (talvez um ato relacionado ao “Diabo” e não a Deus, como é comentado pelo autor), também é encoberto na postagem. Aí encontramos exemplos da falta presente no intradiscurso. É mostrado um lado da fala pelo discurso escolhido. Ela também pode ser percebida quando o autor omite os demais homens quando se refere aqueles que podem e “devem” praticar o estupro. Sempre é referido ao homem que é branco, que é heterossexual e “de bem”. Este mesmo é associado ao trabalhador, o que faz pensar que os demais homens

não são “autorizados” a usufruir do estupro e, do mesmo modo, não são tão “dignos” e não se enquadram na “classe” referida.

A falta também é visualizada na omissão de elementos que comporiam o *interdiscurso* (memória discursiva), criando um “vazio” que tem intenção de esconder suposições ideológicas. Está situada no espaço discursivo, nas formações e nas condições de produção do discurso, ou seja, a falta no interdiscurso mascara “diferenças entre posições-sujeito diferenciadas, dando, ao enunciado, um efeito de consensualidade” (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 829). Estas ações do sujeito produtor do discurso de optar pela omissão de elementos não devem ser pensadas como mero acaso, mas sim associadas a sentidos ideológicos, históricos que o determinam.

No caso dos comentários referentes à Maju, a falta pode ser percebida justamente na distorção do foco inicial da postagem. Ao invés da referência à previsão indicativa à ideia inicial do jornal ao postar a foto (para comentar a previsão do tempo com a jornalista), os comentários são enunciados levando em conta unicamente a cor da pele da jornalista e o repúdio que estes *haters* possuem com os(as) negros(as). Poderíamos pensar como sendo uma falta justamente pelo foco das interações não estarem relacionadas com as temáticas do telejornal, ou mesmo em qualidades de jornalista que poderiam ser referenciadas (como ser uma boa profissional, uma boa jornalista, uma mulher bonita, inteligente, ser um “ganho” para o JN, etc.).

Na postagem do Tio Astolfo, é possível perceber um discurso racista, ainda que escondido no texto. Não se fala sobre a ideia de racismo, mas a mensagem pode ser referida pela memória discursiva, afinal, fala-se apenas de um grupo de sujeitos.

O espaço discursivo da postagem do Tio Astolfo é construído com um efeito de “consensualidade” e de autoridade. Ou seja, as afirmações do autor implicam uma condição de superioridade que passa a adquirir o *status* de “inquestionável”. Para isso, ele se utiliza, inclusive, de trechos bíblicos, onde, de certo modo, tenta “justificar”, “qualificar” e dar autoridade à sua mensagem. Diferentemente, o espaço utilizado pelos *haters* que atacaram Maju não parece ter o intuito de justificar o seu ódio. A ideia é apenas a ofensa, ainda que em tom irônico ou por meio de “piadas”, a ideia de repúdio aos negros é repassada. Não se dá espaço para arguições, visto que este não é o objetivo dos comentários. Pelo contrário, o foco parece precisamente ser o de “chocar”.

Em ambos os casos, os sujeitos falam o que pensam, sem ser interrogado por si próprio ou demais participantes do processo (como os leitores). Isso se dá pelas próprias condições do espaço virtual, onde a ênfase da mensagem é a postagem (e esta não pode ser

modificada pelos demais usuários, pois permanece no ambiente, implicando na característica de memória do espaço). As discordâncias ideológicas são observadas em outro lugar (como em comentários ou mesmo em outros SRS quando a postagem é compartilhada no *Facebook* pelo indivíduo que se sente “violentado” pelo *hater*, como no caso do texto do Tio Astolfo).

Na postagem do Tio Astolfo não se fala de sujeitos da direita, da civilização oriental (e sim dos sujeitos de esquerda ou mesmo dos ocidentais). Não se fala de mulheres buscando um espaço pela eliminação do machismo ou mesmo da possibilidade de homens terem deixado mulheres por terem investido em outras companheiras. O discurso é construído com a intenção de caracterizar, desde cedo, as culpadas da situação: as mulheres feministas e que vão se tornar mães solteiras. Com isso, podemos perceber que é criado um vazio com a finalidade de esconder suposições ideológicas que são passadas para os leitores do texto. No caso dos comentários à Maju, mais do que a falta, é percebido o excesso. Ele é entendido como uma estratégia onde certos termos são apresentados demasiadamente em um discurso. Ou seja, certas palavras, expressões, seus sinônimos, etc. aparecem com grande frequência na fala (por meio de sua repetição) justamente com a intenção de enfatizar, fixar e trazer à memória do sujeito os sentidos produzidos por estes elementos.

Assim, numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do corpus. (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 827)

Nos comentários à Maju, a associação do(a) negro(a) é feita a coisas ruins, como um “*band-aid*” de baixa qualidade (fita isolante), como ao luto, à escuridão, ao tempo ruim e ao carvão em cinzas. A própria palavra “preta(o)” é utilizada como ofensa e é associada ao termo pejorativo “macaca”. Essa coleção de xingamentos exprime o excesso, associa a ideia de que Maju está no JN por um erro ou por “pena” quando justificam a sua posição pelas quotas em uma outra piada de tom racista.

As inúmeras “curtidas” dos comentários poderiam indicar o apoio que outros *haters* dão aquele que inicia o ataque na postagem. O alto número apresentado é um indicativo de reforço à ideologia passada, assim como pode servir como modo de “aplaudir” aquele que fez o comentário.

No Tio Astolfo, o excesso é percebido justamente na ênfase que se dá à mulher que é feminista. Esta é aquela que mereceria o estupro. É aquela que é frequentadora da “Marcha das Vadias”, que é “mãe solteira” e é pró-aborto. Todas essas características são passadas

como negativas precisamente por estarem associadas a esta mulher. O abuso de características negativas e destrutivas também é percebido no discurso (“pedaço de lixo”, “vagabunda”, “parasita”). Mães solteiras são equivalentes à pilantras, ou seja, não são seres humanos a serem respeitados (de acordo com o discurso que é construído pelo autor do texto). Ainda que os termos utilizados sejam diferentes, o sentido depreciativo é passado e é frequentemente lembrado na fala do autor.

O excesso também pode ser observado na caracterização do homem que deve ser branco, heterossexual e, novamente, “de bem”. Ainda que percebamos a falta pela não inclusão de outros homens no discurso, é possível intuir a ênfase, ou seja, estes excessos que enfatizam esse grupo de homens a realizarem a ação do estupro às feministas e serem admirados por isso.

O estupro é elevado ao nível de algo “bom” para a sociedade, algo que é necessário para “corrigir” mulheres e, supostamente, torná-las submissas e “reconhecedoras de sua inferioridade”, de acordo com o discurso proferido. A ideia de que este homem está fazendo um favor não só para a sociedade, mas também à mulher feminista, implica pensar que a vítima também “ganhará” com o estupro (inclusive poderia ser pensado que ela sente prazer, só que, desta vez, com alguém que teria “boa índole”, alguém “digno” de estuprá-la e “consertá-la”). Isso são elementos do discurso que não se encaixam perfeitamente ao entendimento social “padrão”, indo contra o tradicional, por meio do interdiscurso. É o estranhamento, onde “são surpreendidos elementos da ordem do inesperado” (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 828).

Esta questão do estranhamento consiste em uma inversão de perspectiva histórica, pois há a sobreposição de valores, havendo (ou a tentativa de haver) atribuição de novos sentidos a serem (re)pensados pelo sujeito que lê, desenvolvendo uma quebra da ordem esperada e do efeito do discurso construído. Assim, o estranhamento busca criar um certo “conflito” ideológico entre as formações discursivas dos sujeitos participantes do processo que pode ser percebido no interdiscurso (por meio de palavras, expressões e/ou orações) ou ainda no intradiscurso (ou seja, fora daquilo que está sendo dito, por meio de elementos que atuam na linearidade do enunciado, trazendo sentidos que foram previamente pensados pelo *hater* construtor do discurso).

Outro estranhamento é quando a ação de estuprar é associada a Deus. Ou seja, o estuprador estaria realizando uma “boa ação” quando pratica o estupro com mulheres feministas e/ou mães solteiras. Ele continua quando passa a ideia de que a ação de estuprar estas mulheres é associada ao bem social, especialmente quando considera o fato de uma mãe

solteira (feminista) ter um filho, uma “disgenia” (acreditamos que ele queira dizer “disgenesia”, ou seja, um distúrbio da capacidade reprodutiva).

É possível ainda percebermos a associação de ciclo negativo que é passado ao fato de uma mãe solteira criar seu(sua) filho(a) e prejudicar o homem branco, trabalhador e homossexual. O autor do blog Tio Astolfo parece atribuir a culpa aos homens brancos pela presença das mães solteiras feministas, justamente pelo fato de que eles não as estupraram e, desse modo, fazendo com que elas fossem corrigidas.

A generalização dos sujeitos da fala é outra característica do discurso. O autor do texto trata de estereótipos e os julga tal qual a sua concepção ideológica condiz. Desse modo, há “certezas” inquestionáveis. Outra generalização que é possível de ser apreendida é a associação de mães solteiras a feministas. O autor utiliza palavras chulas e grosseiras justamente com o intuito de chocar e chamar a atenção do leitor. Assim, ele enfatiza os elementos, atuando em possíveis excessos pela necessidade de fixação de seus ideais. Por vezes, outra estratégia para “fixar” a mensagem é a utilização de palavras em letras maiúsculas (como “MÃE SOLTEIRA” e “DISGENIA”).

Nos comentários à Maju, o estranhamento se dá justamente na forma como ser negra e estar na TV são passadas como coisas negativas. Muitas piadas adquirem um tom tão sádico que tratam o fato como sendo algo inaceitável para a atualidade quando não é (é o caso do sujeito que comenta “em pleno século 2015 [sic] ainda temos preto na TV”). Outro estranhamento é feito no comentário “não bebo café para não ter intimidade com pretos”. Além do repúdio à cor e à raça, o sujeito associa o ato de ter contato com algo de cor preta com um possível “gosto” ou simpatia com negras(os).

Esta falta, excesso e estranhamento são propositais na fala dos *haters*. Ainda que por vezes adquiram um tom de ironia (pelo estranhamento), o discurso é construído com a intenção de passar um posicionamento de ódio (no caso do Tio Astolfo, às feministas e, no caso dos comentários à Maju, às negras e negros). Logo, estas características associadas à violência simbólica (presentes na falta, no estranhamento e no excesso) indicam caracterizar o discurso de ódio peculiar a estes sujeitos.

O sujeito que lê a postagem é submetido à ordem da ideologia e do inconsciente, a memória estruturante do dizer e o sentido opacificante do discurso do blog do Tio Astolfo e dos comentários à Maju. A grande questão, entretanto, é que por mais que estes ataques sejam repudiados por maior parte da sociedade, eles aparecem e são visualizados constantemente, especialmente com os SRS. Este fato se deve não apenas à capacidade do meio de disseminar

informações, como pelas características elencadas e apresentadas anteriormente por boyd¹⁸ (2010). A permanência faz com que o discurso seja constantemente visualizado. O discurso se torna escalável pela grande visibilidade que ela encontra nos SRS, assim como é replicado tanto por adeptos do discurso produzido, como por usuários dos SRS que chamam a atenção dos demais para a violência apresentada. Por fim, a informação é lembrada a todo momento justamente por ser facilmente encontrada na rede. O discurso de ódio presente na fala dos *haters* é, então, construído sob as características oriundas do meio.

Porém, mais do que isso, esta alocação parece caracterizar e enfatizar a ideologia que constitui os *haters*, implicando a identificação do seu perfil justamente pela forma como o seu discurso é arquitetado na internet. Há não apenas a possibilidade de consolidar, autoafirmar e viralizar os seus discursos violentos, como também consolidar as suas identidades. Por isso, tentaremos responder agora a possível relação entre o discurso de ódio e a construção do perfil dos *haters* nos sites de redes sociais.

6 O discurso de ódio e o perfil dos *haters*

Ernst (2007) afirma que “nos diferentes diálogos, dos mais banais e corriqueiros aos mais eruditos e formais, o sujeito constrói uma imagem de si assim como constrói uma imagem do outro”, o que significa que o discurso produzido é capaz de mostrar facetas identitárias de seu produtor. Ainda que centrada em uma construção cuidadosa, a identidade do *hater* também é desenvolvida com o intuito de ser reconhecida e associada à uma imagem de “odiador” ou adepto à determinada ideologia.

A jornalista Maju foi apresentada aos telespectadores do mundo virtual do Jornal Nacional por meio de uma postagem na página do programa, onde sofreu as agressões por meio da violência simbólica. Tem-se, nesse caso, um sujeito que é agredido, ofendido e difamado por um grupo de *haters* que parecem agir organizadamente. Isso tanto pelo horário dos comentários (todos, praticamente, em sequência, com pouco intervalo entre eles), como pelas próprias curtidas e novos posts desenvolvidos por eles próprios. Os perfis pareciam ser todos *fakes* (assim como no caso do blog do Tio Astolfo). É possível ainda observar que as agressões se resumem em frases e “piadas”, sem o intuito de explicações ou justificativas para tais atos. Já o blog Tio Astolfo parte de um ataque de um indivíduo para um grupo (no caso, as mulheres feministas). O autor da postagem desenvolve um discurso mais trabalhado, utiliza citações e argumenta sobre sua postura de defesa ao ato do estupro.

¹⁸ A grafia do nome em letras minúsculas é a forma escolhida e registrada pela autora boyd.

Já de começo, é possível perceber diferenças na construção do discurso, assim como no objetivo de ambas as postagens feitas pelos *haters* (ainda que as duas foquem na violência e disseminação do ódio nos SRS).

O discurso produzido pelo *hater* Tio Astolfo visa um destinatário. Esse destinatário, no entanto, não necessita ser as feministas. Na verdade, ele parece ser um discurso construído para múltiplos destinatários, enquadrados em grupos sociais diversos. Isso só é possível pelas qualidades do meio dos SRS. Várias redes sociais misturam-se em um mesmo espaço público, permitindo que ideais sejam visualizados e ampliados para um número incalculável de pessoas. Com isso, esses sujeitos adquirem visibilidade, popularidade e vão, conseqüentemente, construindo uma reputação que não necessita ser positiva. A intenção do discurso é disseminar a ideologia por meio do personagem que foi criado (o “Tio Astolfo”).

O ódio de partida (LIICEANU, 2014), sem uma justificativa ou causa aparente será o tipo de ódio que caracterizará os *haters* observados em ambos os casos. Isso porque as agressões acontecem a sujeitos que não fazem nenhum tipo de mal ao outro, mas que, mesmo assim, parecem “merecer” a violência produzida pelos *haters*.

É possível perceber que há certa constituição de subjetividade destes *haters* a partir das formações imaginárias que se estabelecem nos discursos de ódio. Este ódio nos SRS parece ser capaz de cunhar representações destes sujeitos estabelecidas por laços sociais criados entre eles, os demais usuários que são atacados e os participantes de suas postagens. Com isso, o *hater* adquire valores sociais de visibilidade, de autoridade, reputação e popularidade, especialmente dentro do seu grupo de formações discursivas (no caso, outros racistas ou mesmo adeptos ao estupro ou antifeministas).

Os *haters* podem ter objetivos diferenciados, ainda que dentro da produção do discurso de ódio sem justificativa clara (do ódio de partida, ou mesmo da violência subjetiva e simbólica). Por vezes, o discurso construído pode ter a mescla de diferentes objetivos, o que significa que um objetivo não é excludente do outro, mas sim complementar. Portanto, a identidade destes *haters* é estabelecida em torno de dois tipos (ou grupos) de “odiadores” aos quais foram identificados ao longo da pesquisa, que são: ***haters humilhadores e haters disseminadores***.

Os *haters humilhadores* têm a intenção de agredir, principalmente moralmente ou emocionalmente os sujeitos ou grupos sociais. Eles partem de um discurso pejorativo que foca a desprezo pelo outro. O exemplo característico é o de racismo contra a jornalista Maju desenvolvido no *Facebook*. Neste grupo, a mensagem não é trabalhada ou mesmo construída com a intenção de desenvolver uma reflexão ao seu leitor. A mensagem é apenas passada por

meio do discurso que visa chocar, ter visibilidade e ser disseminado na rede. Não há clareza quanto à disseminação e pregação de uma ideologia, mas sim que ela seja visualizada e “relembrada”.

Os *haters* disseminadores visam passar, cultivar e dar certa autoridade à sua ideologia de ódio. Ou seja, não tentam necessariamente desestabilizar sujeitos/grupos, mas sim passar um discurso de violência contra estes sujeitos que também tem o intuito de ser distribuída na rede e absorvida pelos demais sujeitos integrantes do SRS. Enquanto os humilhadores parecem não se preocupar com a conversão de novos adeptos, os disseminadores parecem dedicar esforços para os seus argumentos adquirirem legitimidade e reconhecimento do público virtual. Os disseminadores buscam construir uma justificativa ou mesmo dar certa credibilidade ao discurso de ódio desenvolvido. É o caso dos textos do blog do Tio Astolfo.

Também observamos que o discurso de ódio gera certo empoderamento. Nem sempre pela capacidade de argumentação destes sujeitos (como se percebe nos exemplos dos ataques à Maju), mas pelo ganho na desestabilização do(s) outro(s) que não sabem como lidar com a situação, a não ser produzindo mais ódio em seus discursos como resposta (“ódio de reação”). Assim, ódio por ódio, o *hater* parece ganhar visibilidade diante do grupo que ele busca afetar e entre os outros *haters* “defensores da mesma causa”. Com isso, a popularidade deste sujeito (ainda que, normalmente, construído sob um *fake*) é acionada e a sua reputação negativa na sociedade é elevada. O perfil destes indivíduos é construído por meio do seu discurso.

O *hater* ataca o(s) sujeito(s) justamente porque sabe que ele será afetado. Zizek afirma “que se eu souber o que move você, se conhecer as causas determinantes do seu modo de agir, poderei manipulá-la de acordo com essas causas; poderei dominar você” (ZIZEK, 2014, p. 164). Logo, conseguindo humilhar os sujeitos ou mesmo propagar ideais de violência contra estes grupos, os *haters* parecem atingir seu objetivo.

Outra questão importante na construção do discurso e na manifestação identitária dos *haters* é que muitos destes sujeitos conseguem desenvolver uma fala incisiva (ainda que ofensiva, violenta e sem argumentação clara) capaz de fazer outros sujeitos (que partem, por vezes, de audiências invisíveis) repensarem ou buscarem entender o seu ponto de crítica/indignação. Com isso, os *haters* indicam ter certa influência em determinados atores sociais que não estariam enquadrados no grupo dos “odidores”. Poderíamos pensar, então, que eles podem agir como influenciadores e criadores de novas redes sociais capazes de atuarem como disseminadores ou mesmo apoiadores da violência simbólica (BOURDIEU, 1989) produzidas pelo seu discurso.

No entanto, para esta difusão de informações ocorrer, é necessária a construção de um discurso que identifique o *hater* (ainda que apenas momentaneamente) nos SRS. Significa que é preciso que ocorram interações sociais entre os *haters* e os demais usuários dos sites de redes sociais. Matuck e Meucci (2005, p. 162) afirmam que, para isso, é preciso o desenvolvimento de uma construção de identidade virtual, pois não há a relação física com os indivíduos participantes da conversação. Logo, além da não necessidade da associação do sujeito virtual com a sua identidade concreta, há ainda a possibilidade da construção de perfis *fakes* que visam justamente o anonimato na Rede. Amaral (2011) trata justamente disso ao afirmar que estas disputas (e pode-se pensar aqui, nos conflitos) nas redes sociais *online*, também são uma disputa por identidade que visa demarcações de territórios através das estratégias de linguagens dos diferentes grupos culturais atuantes neste meio. Assim, o papel de violência simbólica e da construção e disseminação do discurso de ódio nas redes sociais *online*, desempenhado pelos *haters*, implica pensar uma possível legitimação de sua identidade pelos demais atores sociais, sejam eles *haters* humilhadores ou *haters* disseminadores¹⁹. Os usuários que são agredidos devem reconhecer o “odiador” por meio de seus atributos representados através do discurso. Assim, parece ser por meio da intenção do discurso de ódio que os *haters* são identificados e, assim, a sua identidade é construída.

7 Considerações finais

O *hater* busca uma posição de reconhecimento social por meio do seu discurso contrário ao que é usualmente aceito, não importando a rejeição ou depreciação que possa sofrer pela sua construção textual nos sites de redes sociais, afinal ele não sofrerá consequências diretas por não ser reconhecível no mundo concreto. Logo, a imagem que é construída por ele não visa ser positiva frente à sociedade (o que, talvez face-a-face, fosse diferente). Com isso, ainda que exista uma resposta por meio da interação mediada pela internet do outro (que, em grande parte das vezes, é agressiva e de repúdio ao discurso do *hater*), estes sujeitos apresentam-se fisicamente longe da pressão social pelo seu não reconhecimento imediato.

Percebemos, também, que é por meio das noções de falta, excesso e estranhamento analisadas no discurso, que o *hater* constrói uma imagem de si e do outro, capaz de disseminar ideias de violência sem, necessariamente, sofrer agressões pelo seu discurso. Desse modo, os *haters* parecem encontrar nos SRS um novo espaço para a disseminação de

¹⁹ O nome “Tio Astolfo”, por exemplo, ficou conhecido na Rede como de um *hater*.

seus sistemas de ideias, aproveitando as características de dispersão, fácil replicabilidade, grandes audiências, etc. que estes locais virtuais oferecem.

Alguns desenvolvem o discurso de ódio com o intuito unicamente de ofender certos grupos sociais, não se preocupando na capacidade argutiva ou de justificativa de suas ações. Não buscam o reconhecimento de um ideal, mas sim a divulgação de sua violência. Estes são os *haters* humilhadores. Outros, porém, constroem o discurso um pouco mais trabalhado (ainda que repleto de estranhamentos), mas buscam disseminar a sua ideologia por meio da atribuição de certa autoridade ao seu perfil. Estes são os *haters* disseminadores. Porém, é por meio desses discursos odiosos característicos que se dá a elaboração e o reconhecimento do perfil destes sujeitos nos SRS.

Ainda que a pesquisa tenha se restringido à análise de dois discursos produzidos no mundo virtual, percebemos elementos que talvez justifiquem a grande visibilidade destes sujeitos “odiadores”, capazes de apontar para novas percepções de compreensão da sociedade, da violência e da forma de compreender como significam estes discursos nestes ambientes de interações virtuais.

Salientamos, ainda, que se trata de uma análise em formação (justamente por perceber o modo de subjetivação que nós, enquanto sujeitos-pesquisadores-analistas do discurso, estamos situados) (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011, p. 819), pois não pretendemos atingir a completude de como o discurso representa na língua destes sujeitos e sim apontar nossas perspectivas enquanto interpretantes.

Referências

AMARAL, A. Redes sociais, linguagem e disputas simbólicas. **ComCiência**, Campinas, v. 7, n. 131. 2011.

AMARAL, A.; QUADROS, C. Agruras do Blog: o jornalismo cor-de-rosa no ciberespaço? **Razón y Palabra**, v.5, n. 53, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

BOYD, d. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. **Networked self: Identity, community, and culture on social network sites**, 2010, p. 39-58.

BOYD, d.; ELLISON, N. Social network sites: definition, history and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, 2007, p. 210-230.

ERNST, A. Corpo, discurso e subjetividade. In: FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites, São Carlos: Claraluz, 2007, p. 135-144.

ERNST-PEREIRA, A.; MUTTI, R. O analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 817-833, 2011.

GIBSON, W. **Neuromancer**. Editora Aleph, 2015.

GLUCKSMANN, A. **O discurso de ódio**. Editora Difel, 2007.

LIICEANU, G. **Do ódio**. Editora Vide Editorial, 2014.

MATUCK, A.; MEUCCI, A. A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 2, n. 4, 2005, p. 157 –182.

ORLANDI, E. 2001. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Editora Pontes, 2001.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto alegre: Editora Sulina, 2009.

RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage *Diva Depressão*. **Galaxia**, São Paulo, v. 13, n. 26, 2013, p. 239 –254.

ZAGO, G. Trolls e jornalismo no Twitter. **Estudos em jornalismo e mídia**, Santa Catarina, v. 9, n. 1, 2012, p. 150-163.

ZIZEK, S. **Violência**. Barcelona: Empúries, 2014.

ZIZEK, S.; DALY, G. **Arriscar o impossível**: conversas com Zizek. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Data de recebimento: 9 de setembro de 2017.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2017.